

Quando será que a saúde sairá da UTI?

Quando será que deixaremos de ser hipócritas para ser mais Hipócrates?

Preconceito, pré-conceito, ideia gerada sem um real conhecimento dos fatos. Qual sua origem? Será este um sentimento inato do ser humano? Se assim for, será que funciona como um gene recessivo, semelhante ao de olhos verdes ou azuis, alguns têm e outros não? Ou será uma característica fenotípica, adquirida, absorvida do ambiente, apenas um fenômeno cultural? E, se este for o caso, será que não somos seres suficientemente pensantes para reconhecermos quão deletério é este sentimento para a sociedade? As diferenças relativas à cor da pele, formato dos olhos, tipo de cabelos, biotipos e tantas outras características físicas são decorrentes da adaptação da espécie humana aos diferentes âmbitos que ocupa. O projeto Genoma veio comprovar a inexistência de diferenças genéticas significativas entre as raças humanas. Isso, por si só, já joga por terra a supremacia de uma raça sobre outra. Assim, a ideia de uma raça ser mais inteligente, mais laboriosa, mais determinada, mais qualquer coisa do que as outras não tem fundamento científico. Isso nos leva para a outra ponta deste raciocínio: a imposição cultural. E aqui nos defrontamos com um dilema: é um padrão cultural de baixo nível que induz ao preconceito e o retém e, se assim é, por que sociedades de nível cultural elevado ainda não conseguiram se desfazer dele?

Vivemos, enquanto espécie em evolução, em busca da realização [desde a Revolução Francesa] de três princípios fundamentais: liberdade, igualdade e fraternidade. Mas será que eles só valem para alguns e não para outros, para aqueles que achamos semelhantes a nós? O preconceito mina e acaba por implodir cada um desses princípios. Se somos preconceituosos, primeiro, não temos liberdade, na medida em que aceitamos uma imposição cultural, nem damos liberdade àqueles que sofrem a ação de nosso preconceito; segundo, não

os consideramos nossos pares, iguais a nós. Em decorrência disso, por mais que aleguemos possuí-la, não a teremos: a fraternidade. O preconceito é tão eficaz e mortal quanto uma arma. Separa, isola e dilacera suas vítimas. Acirra ódios e rivalidades e perpetua situações.

E não se pode acabar com preconceitos através de leis. O legislador evidentemente tem boas intenções ao proibir situações em que o preconceito é explícito. Mas será que isso acaba com ele? Tudo indica que não. Ele se torna apenas mais velado. Mais sutil. Mas permanece.

Evidentemente cada um de nós já presenciou, ou até vivenciou, situações que envolviam algum tipo de preconceito. Digo algum tipo,



IMAGENS: DIVULGAÇÃO



porque há diversas modalidades. Mas os que mais se apresentam dizem respeito a raças, religiões e... doenças. Ao longo da evolução da humanidade, diversas doenças colocaram seus portadores sob a mira do preconceito. Hoje a AIDS e os transtornos mentais são a "bola da vez". Foi assim com o cólera, a peste, a lepra, a tuberculose e outras que, ao fim e ao cabo, com o avanço científico, foram devidamente tratadas e seus portadores liberados da pressão do preconceito. As pessoas podem não se lembrar hoje, mas o câncer, apesar de não ser uma doença contagiosa, também padeceu de uma espécie mais "leve" de preconceito, se é que podemos chamá-lo assim.

A ciência, com seus avanços constantes, sempre acaba por encontrar as soluções necessárias a cada caso e por tirar o ser humano da faixa de risco, do medo.

Só a valorização da vida, em todos os seus aspectos, pode acabar com essa situação; só a informação educativa pode humanizar a ignorância.

não usar o bisturi, mesmo em casos de cálculos nos rins? Ou prometer ensinar nossa profissão gratuitamente aos filhos de nossos professores, como Hipócrates preconizava? Por que não estender esse privilégio a todos os que estiverem dispostos a estudar? Existe visão mais corporativista?"

Fonte: Drauzio Varella – www.drauziovarella.com.br/ExibirConteudo/502/o-juramento-de-hipocrates

Indicadores

HUMANIZAÇÃO NA TRANSVERSALIDADE DO JURAMENTO DE HIPÓCRATES



"O juramento de Hipócrates está tão antiquado que soa ridículo ouvir jovens recém-formados repetirem-no feito papagaios. Que me desculpem os tradicionalistas, mas faz sentido jurar por Apolo, Asclépios, Higéia e Panacéia não fazer sexo com escravos quando entramos na casa de nossos pacientes? Ou

dicas

2001 - 2010 A DÉCADA DO VOLUNTÁRIO

"O trabalho voluntário é um exercício de cidadania que cresce organizadamente à medida que transcorre o tempo. Em 2001, Ano Internacional do Voluntariado, ganha força no Brasil o movimento em prol da humanização da saúde e também nasce o primeiro encontro entre profissionais e voluntários da saúde objetivando mudanças radicais no acolhimento do paciente, na gestão participativa e na educação e valorização de quem cuida. A Santa Casa de Misericórdia da Bahia e a Associação Viva e Deixe Viver, em parceria com o setor público e privado, sediará nos dias 19,20 e 21 de setembro, em Salvador, o 7º Congresso de Humanização da Saúde em Ação. Excelente momento para discutir valores humanos, liderança e formação dos profissionais da saúde."

Fonte: www.vivahumanizacao.org.br



VALDIR CIMINO

PRESIDENTE DA VIVA E DEIXE VIVER, DIRETOR DA CS. PRO - COMUNICAÇÃO SUSTENTÁVEL, E EDUCADOR NA FACOM/FAAP

www.valdircimino.com.br valdir.cimino@cspro2.com.br